

RUI MIGUEL TOVAR

CRISTIANO RONALDO

AS HISTÓRIAS QUE FALTAVAM

DA INFÂNCIA À ARÁBIA SAUDITA,
A BIOGRAFIA NÃO AUTORIZADA DE CR7

 ANUSCRITO

FICHA TÉCNICA

facebook.com/manuscritoeditora
instagram.com/manuscrito_editora

© 2023

Todos os direitos relativos à chancela Manuscrito
se encontram reservados para a Editorial Presença, S.A.

Estrada das Palmeiras, 59

Queluz de Baixo

2730-132 Barcarena

Título: *Cristiano Ronaldo — As histórias que faltavam*

Autor: *Rui Miguel Tovar*

Copyright © Rui Miguel Tovar

Copyright © Editorial Presença, S.A. 2023

Revisão: Ana Guerreiro/Editorial Presença

Imagens de capa: Power Sport Images/Alamy Stock Photo/Fotobanco.pt

Capa: Paula Catalão/Editorial Presença

Composição, impressão e acabamento: *Multitipo — Artes Gráficas, Lda.*

ISBN: 978-989-9087-99-6

Depósito legal n.º 521 207/23

1.ª edição, Lisboa, novembro, 2023

O autor escreve de acordo com a antiga ortografia.

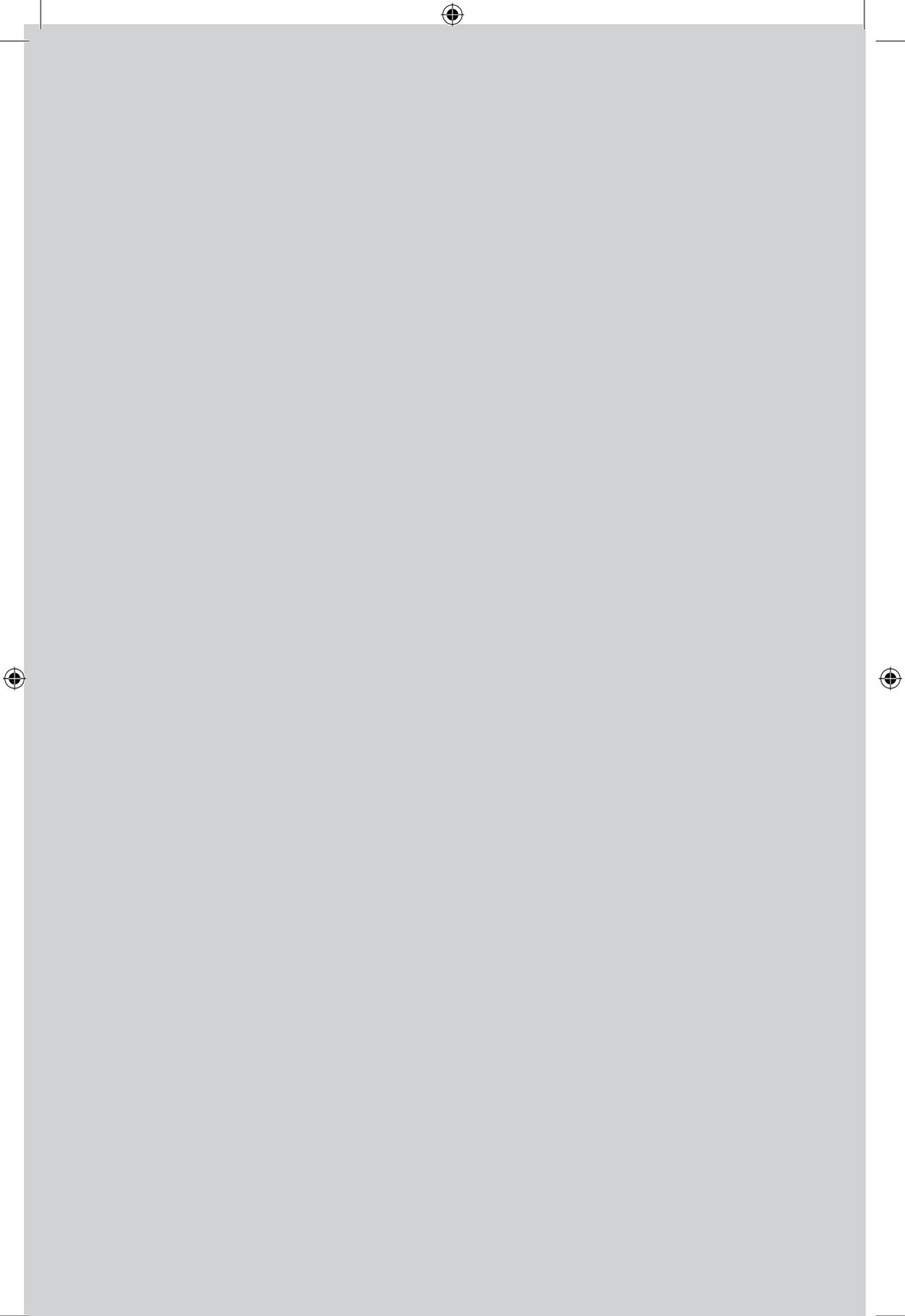
Índice

Introdução	9
1. Aos 11 anos, campeão pelo Nacional	11
2. A dívida de Franco e a chegada ao Sporting	14
3. «Ele teve crises, porque gozavam com ele.» A mãe, Dolores	17
4. Pizas, hambúrgueres, duas sopas e o concerto dos U2	20
5. Estreias no José Alvalade	24
6. O interesse do Benfica e a operação a <i>laser</i> ao coração	27
7. Sete momentos no SCP	30
8. O primeiro golo na Selecção Nacional	34
9. Estreias sempre com golo	37
10. O braço-de-ferro com Mourinho	41
11. Que pontaria, 11 de Setembro de 2001	44
12. Primeira grande entrevista	47
13. A resistência de Bölöni	50
14. <i>Pé de Chumbo</i>	53
15. Dois sonhos reais: a exibição e a transferência	56
16. O pai	60
17. A magia dos livres directos	63
18. O outro pai desportivo	71
19. As 13 fases finais seguidas com golos	75

20. Golos em finais	78
21. O insulto de Van Nistelrooy	83
22. A loucura saudável com Messi	86
23. Golos-maravilha	90
24. O cão de Churchill	94
25. A minha alegre casinha	97
26. As 70 manchetes na <i>Marca</i>	101
27. «Perguntem ao Carlos Queiroz»	105
28. Palavras leva-as o Bento	110
29. Época perfeita	114
30. Salto à Michael Jordan	117
31. A bronca do 30.º aniversário	120
32. Cinco golos num jogo	123
33. «Anda bater, que bates bem»	126
34. O presidente	134
35. «Paga o que deves», o pesadelo fiscal	138
36. A alergia com Queiroz	142
37. <i>Mamma mia</i> , é a Juventus	147
38. <i>Ciao</i> , Turim	150
39. O cubo de Rubik de Ten Hag	154
40. Liga — <i>argh</i> — Europa	159
41. Recorde de golos em Mundiais	163
42. Golo-fantasma com o Uruguai	167
43. O suplente frente à Suíça	170
44. As lágrimas do adeus	174
45. Maldita entrevista	178
46. Arábia	188
47. Todos os recordes	194
Agradecimentos	197

CRISTIANO RONALDO

AS HISTÓRIAS QUE FALTAVAM



Introdução

O sete, o número sete. É uma viagem só de ida, prepare-se.

Começo a pensar, sem adormecer, e chego à conclusão de que o sete é o número da vida. A origem do calendário actual. A renovação celular do corpo humano (de 7 em 7 anos). Os sete orifícios do corpo humano. A plenitude, a ordem perfeita. A medida reguladora da coesão universal: sete planetas, sete divindades, sete metais, sete notas musicais (com sete escalas, sete pausas e sete valores), sete cores do arco-íris, sete dias da semana, sete *chakras*, sete pecados capitais (soberba, ira, inveja, luxúria, gula, avareza e preguiça) e sete virtudes que lhe são contrapostas (fé, esperança, caridade, prudência, justiça, força e temperança).

O sete é o símbolo da totalidade perfeita. O sete é o número da conclusão cíclica e da renovação positiva, evocando todos os conjuntos perfeitos. O sete é um número com uma simbologia bíblica muito forte, figurando 77 vezes no Antigo Testamento em momentos diversos: o candelabro judeu tem sete braços (o símbolo sagrado do judaísmo é o memorá, um candelabro com sete braços, indicando os sete dias da semana); os sete céus; Salomão construiu o templo em 7 anos; após a tomada de Jericó, sete sacerdotes com sete trombetas deveriam, no sétimo dia, dar sete vezes a volta à cidade; Eliseu espirra sete vezes, e a criança ressuscita; um doente mergulha sete vezes no Rio Jordão e sai curado; José sonha com a profecia das sete vacas gordas e as sete vacas magras, e 7 anos de fartura e 7 anos de miséria se seguiram; sete animais puros de cada espécie seriam salvos no dilúvio. O sete representa também os sacramentos da Igreja Católica (baptismo, confirmação, eucaristia, penitência, união dos enfermos, ordem e matrimónio) e as

obras da misericórdia (dar de comer a quem tem fome; dar de beber a quem tem sede; vestir os nus; dar pousada aos peregrinos; assistir aos enfermos; visitar os presos; cuidar dos que partem pela morte).

O sete é tudo isso e também Ronaldo.

Sim, leu bem, R-O-N-A-L-D-O (7).

Em 2007, no sétimo ano do século, o que se torna ele finalmente?
C-a-m-p-e-ã-o.

De quê? Da P-r-e-m-i-e-r.

Treinado por quem? S-i-r A-l-e-x e Q-u-e-i-r-o-z.

E onde é que ele joga? D-i-r-e-i-t-a.

E o que faz ele em campo? D-r-i-b-l-e-s.

E mais o quê? T-r-u-q-u-e-s.

E vestia que número? Sete.

De quem? B-e-c-k-h-a-m, C-a-n-t-o-n-a e George Best, mais conhecido como T-h-e B-e-s-t.

Quem era o seu melhor amigo no plantel? G-a-b-r-i-e-l (Heinze).

A quem é que ele ganhou o campeonato? C-h-e-l-s-e-a.

Quem contribuiu para a festa antecipada? A-r-s-e-n-a-l (1-1 com Chelsea).

Um dia depois, o Man United ganhou a quem? M-a-n C-i-t-y.

Como? P-e-n-á-l-t-i.

De quem? Bolas, mas não está mesmo à vista de toda gente?
R-O-N-A-L-D-O.

E vai jogar para onde? E-s-p-a-n-h-a.

E quem é, quase invariavelmente, o jogador que o vai abraçar primeiro em todos os golos? M-a-r-c-e-l-o.

Quem é o seu companheiro de ataque? H-i-g-u-a-í-n.

E o outro? B-e-n-z-e-m-a.

E quem é que lhe fez mais assistências para golo? D-i M-a-r-í-a.

E onde joga agora? A-l N-a-s-s-r. *I rest my case.*

Ronaldo, Cristiano Ronaldo. É uma viagem só de ida, prepare-se.

Aos 11 anos, campeão pelo Nacional

Memorize bem isto aqui.

À baliza, Tiago Goes (depois, Faria). Na defesa, o lateral-direito é o Bruno; os centrais chamam-se Magno e Sampaio (primo do guarda-redes e capitão de equipa); o lateral-esquerdo é o Aleixo. No meio-campo, Gonçálinho está no centro; Igor é o número 7 como extremo-direito; Vieirinha, o 8 como extremo-esquerdo. Na frente, Décio é o avançado-centro, o pinheiro, número 11, com o cabelo à anos 80. Ligeiramente atrás, o 10, Fábio, mais conhecido por Futre. Vagabundo até mais não, o 9 é Ronaldo.

Exato, Cristiano Ronaldo, camisola 9. Estamos em 1995–96, e esta é a equipa do Nacional, campeão regional de infantis B da AF Madeira. Eis o primeiro título da carreira de Ronaldo, aos 11 anos. A tática é simples e só tem duas variantes para chegar ao golo: ou passam a bola ao Ronaldo, e ele resolve com mil e uma fintas, ou Ronaldo sofre falta à entrada da área ao enésimo drible, e aí é Futre quem veste a pele de herói através de perfeitos livres directos.

Por falar em heróis, o que é feito de todos eles? De onze, só três vivem fora da Madeira. O guarda-redes Tiago Goes é um cromo do melhor, puro entretenimento na RTP. O lateral-esquerdo, Aleixo, trabalha no Porto, e, já se sabe, o número 9, Ronaldo, ainda é uma incógnita.

Esse campeonato de 1995–96, em sistema de todos contra todos, é renhido até ao fim. O Marítimo, crónico campeão, parte como favorito. Lá atrás, bem atrás, Nacional, União e Câmara de Lobos aparecem como alternativas assim-assim ao domínio intenso dos maritimistas. Dos três rivais, o Câmara de Lobos é o clube mais tramado — quem joga no

seu campo sofre a bom sofrer, com as pedras lançadas pelas mãos dos jogadores ao adversário. Verdade, é ler para crer. Lá, todos os guarda-redes jogam à Neuer, bem fora da área, para evitar qualquer tipo de distrações (e, vá, lesões).

O Nacional arranca a época com dois jogadores dos infantis A e mais dois reforços: um é Futre, e o outro é Ronaldo. Se Futre se impõe pela categoria ímpar na marcação de livres directos, já Ronaldo é outra história. Conta Tiago Goes: «No primeiro treino, ali no campo pelado da Escola Jaime Moniz, aparece ele, muito pequeno, muito magrinho, um chavelha [que fala um madeirense carregado], e nós a gozar com ele. No fim do treino, peladinha. Ele agarra na bola e finta uns cinco ou seis. *Ta-ta-ta*. Já com os trejeitos de hoje, o de passar o pé por cima da bola e tudo. Muito rápido, muito veloz. E nós, uns para os outros, mas quem é este gajo? Na segunda vez em que ele tocou na bola, outra vez o mesmo baile. *Ta-ta-ta*. A partir do segundo treino, já ninguém gozou com ele. Começámos a conhecê-lo melhor, e conquistou o nosso respeito num piscar de olhos.»

Ronaldo é, já nessa altura, um obcecado pela competitividade. Seja a jogar futebol ou matraquilhos. Se perde, chora. Se leva na cabeça do treinador, chora. Se gozam com ele, chora. E, claro, no seu íntimo, jura vingança no quadradinho seguinte. Em forma de golo, como é óbvio. Há jogos inesquecíveis, exhibições do arco-da-velha, espectadores boquiabertos. E *sempre* com a presença do pai, Dinis Aveiro.

No dia mais importante do ano, jogo contra o Marítimo. Só a vitória interessa ao Nacional para garantir o título. Acaba 1–0. O golo é de bola parada, livre directo. Futre, pois claro. A festa é imensa. Ou não: os pais dos jogadores do Marítimo, em larga maioria na bancada improvisada do campo de treinos na Choupana, arremessam pedras. E voltam a fazê-lo na direcção do autocarro do Nacional, conduzido pelo inimitável senhor Paulo.

Tiago Goes relembra o dia seguinte ao do jogo:

«Tinha medo de que o Ronaldo e um outro, por serem mais pobres, roubassem a malta no balneário. Ironia do destino, somos campeões, e o Nacional prometeu oferecer-nos o equipamento do jogo da final. No dia seguinte ao tal 1–0 com o Marítimo, era o último treino da época, e todos estávamos a ver que ninguém nos ia oferecer o que quer que fosse. Então, os jogadores diziam entre si que iam roubar o equipamento de treino. O equipamento, não; só a camisola. Na altura, era muito

menino e tinha medo de roubar, de fazer coisas à socapa. Então saí do treino sem nada. O pessoal safou-se todo e perguntou-me se me tinha safado. Para não dar parte de fraco, disse que sim, que a camisola de treino estava comigo. O Ronaldo, não sei como, topou a mentira e chegou-se ao pé de mim: “Tás parvo? Leva lá a merda da camisola.” Tinha roubado a camisola por mim. Grande gesto.»

(Lembra-se do início do capítulo, quando se diz «Tiago Goes, depois Faria»? Pois bem, o Tiago parte o braço e nunca mais recupera o lugar. Culpa de quem? Roooooonaldo. Conta Tiago: «Num treino na escola, no cimento, ele fez-me um remate, e eu pus mal a mão. Olha, tramei-me.»)